

Danielle Grace  
Dennys Silva-Reis  
Rosária Costa Ribeiro

## **ÉLIE STÉPHENSON E SEUS ESCRITOS DE GUIANIDADE – PRÉVIAS PALAVRAS**

Uma apresentação de Élie Stéphenon poderia seguir o seguinte roteiro: poeta, dramaturgo, contista e romancista de importância na cena literária e política guianense. Poderíamos ir também por outro caminho: artista e ativista político guianense, herdeiro de uma tradição intelectual que passa tanto o movimento cultural e artístico da Negritude quanto a luta contra a degradação ambiental em voga desde a colonização das Américas. Ou ainda: músico engajado pela memória e defesa da tradição artística e cultural da Guiana Francesa, autor de obras de grande relevância para a construção de uma noção de identidade atrelada ao território amazônico e à diáspora colonial.

As tantas possibilidades de apresentação desse autor nos permite declará-lo, sem sombra de dúvidas, um dos personagens mais marcantes da Guiana Francesa atual. Tal como um arqueólogo, para retomar o termo utilizado pelo autor e lembrado por Isabelle Favre, no artigo “Élie Stéphenon: palavras de fogo para um ‘país’ chamado Guiana”, traduzido aqui por Tania Mara Antonietti Lopes, o escritor trata a história de seu povo e a própria Guiana como algo a ser desvelado, protegido e venerado. Uma terra feita de floresta e dor, que merece ser conquistada para e pelos seus conterrâneos.

Nascido em Caiena, em 1944, Stéphenon realizou seus estudos universitários de economia em Paris, defendendo uma tese que analisa a evolução da economia guianense entre os anos de 1946 e 1972. Na década de 1970, retornou à Caiena, cidade onde vive e produz sua arte desde então. Paralelamente ao trabalho artístico, construiu uma carreira de professor no Lycée Félix Éboué e na Université des Antilles et de la Guyane. Ao longo de sua carreira, conquistou reconhecimento na cena artística guianense a ponto de ser considerado por alguns como o sucessor de Léon-Gontran Damas.

Em 1986, recebeu um Oscar e uma medalha de bronze por sua obra teatral. Mais recentemente, em 2014, foi homenageado pela universidade onde lecionou e, em 2020, condecorado com o prêmio Carbet pelo conjunto de sua obra.

A literatura de Stéphenon é, como sua própria biografia atesta, voltada para dentro, para os seus, para os problemas intrínsecos ao passado de dominação e às questões atuais de seu “país”. Ao mesmo tempo – eis um paradoxo interessante –, ao falar das temáticas propriamente guianenses, sua obra se abre ao mundo. O escritor-arqueólogo escolhe as coisas belas e terríveis que encontra em suas escavações para contar o que nunca foi dito, trazer à luz, com força e delicadeza, os ossos sedimentados no solo de sua terra natal. Seus achados trazem pistas significativas sobre a violência fundante das Américas e a permanência nefasta desta nas políticas e no imaginário coletivo de homens e mulheres latino-americanos.

Apesar de uma vasta e diversificada literatura, Stephenon é pouco conhecido no Brasil. Seu nome circula raramente entre leitores e críticos brasileiros e latino-americanos. As razões pelas quais isso ocorre não são tão difíceis de serem presumidas, sobretudo se olharmos através das insígnias da exclusão econômica e cultural. Países e regiões do Sul encontram-se ainda hoje bastante isolados. Não apenas no sentido econômico e político, mas também no contato e nas trocas entre si, pois ainda que próximos geograficamente e partícipes de uma mesma história colonial, se (re)conhecem pouco e, muitas vezes, se vêem como povos culturalmente distantes.

Assim, os artigos, resenhas e traduções que reunimos neste número intencionam trazer para o público brasileiro um pouco da diversidade literária produzida por Stéphenon. Representa uma pequena mostra de como o autor vincula as suas produções literárias a uma vida dedicada a falar dos grandes problemas contemporâneos que envolvem não apenas os seres humanos, mas também todas as formas de vida na terra. O leitor curioso ou o pesquisador interessado,

ao passear pelos textos deste número, irá perceber que está pisando em um terreno a ser explorado, cheio de vestígios e pistas que indicam que, neste campo, ainda há um longo caminho a ser percorrido pelos estudos literários.

Como poeta, o autor apresenta um trabalho constante que se inicia na década de 1970, do qual podemos destacar coletâneas tais como: *Une flèche pour le pays à l'encan* (1975), *Catacombes de soleil* (1979), *Terrres mêlées* (1984), *Comme des gouttes de sang* (1988), *La conscience du feu* (1996), *Les Rituels du vent* (2013). Stéphenon traz para a obra poética a verve crítica do poeta engajado contra o colonialismo e o assimilacionismo. Sua poesia se distancia de um certo didatismo que é possível identificar na obra teatral, mas continua a investir em uma virulência exortativa. O autor combina a sutileza de versos musicais com a revolta expressa na escrita de denúncia para a fundação de um projeto estético próprio. Inclusive alguns de seus poemas foram musicados e outros já nasceram em forma de canção, vê-se isso em seus dois álbuns musicais *Nèg Marron* (1975) e *Kololo* (2022).

O teatro de Elie Stéphenon, assim como sua obra poética e narrativa, é repleto de revisionismo histórico e de ativismo político. Obras que primeiro foram escritas em crioulo e direcionadas ao público guianense, aos poucos, foram sendo passadas e concebidas à língua francesa. Inicialmente, as peças eram somente textos efêmeros para apresentações locais das situações guianenses. O autor não visava o texto teatral como um texto literário. Todavia, com as publicações de parte de sua obra dramática, muitos estudiosos e diretores de teatro tiveram acesso a esses textos; podem hoje desfrutar de seus enredos e imaginar futuras representações. Uma outra parte do teatro de Stéphenon ainda é desconhecida e está em manuscritos: o teatro juvenil e infantil. Sua dramaturgia encena um histórico da vida guianense de forma singular e identitária, mostrando facetas da França colonial, imperialista e republicana. São cenas e atos que rememoram e questionam o pertencimento guianense, o ser guianense em todas as suas esferas socio-político-culturais.

Apesar de sua obra narrativa não ser tão vasta quanto sua obra poética e dramática, Élie Stephenson produziu um romance, *Où se trouvent les orangers?* (2000), que resgata a tradição do *conte révèyé* em que duas ou três vozes constroem um diálogo, se aproximando do teatro de Stephenson; e o livro de contos voltados para um público infantojuvenil, *Mouché-Krik - contes guyanais non traditionnels* (2013), que são muito representativos de sua poética. Nessas obras, destacam-se alguns aspectos importantes como a retomada e valorização do *conteur*, a diglossia língua francesa-língua *créole* guianense, um tom de denúncia, seja das agruras coloniais, seja da destruição do meio-ambiente, a busca por uma identidade coletiva. Todos estes aspectos compõem uma obra que procura, sobretudo, representar a guianidade e construí-la, ao mesmo tempo. Há igualmente contos para adultos, notadamente, *Oh! Maati e Brazeiro* (2014).

Nos artigos “O ‘problema guianense’ da emancipação cultural e política na primeira coletânea poética de Élie Stephenson”, de Daniel Padilha Pacheco da Costa, e “Entre intimidade e engajamento: o lirismo do nós em *Les Rituels du Vent*, de Élie Stephenson”, de Danielle Grace, alguns dos principais temas que envolvem sua escrita poética e a relação que ela estabelece com a vida cotidiana são escrutinados a partir de uma análise das influências poéticas e políticas do autor. Há ainda a resenha do livro de poemas de Stephenson, *Catacumbas de sol*, publicado do Brasil em 2022 pela Editora Lexikos e traduzida por Dennys Silva-Reis. Esta realizada pelas pesquisadoras Josilene Pinheiro-Mariz, Maria Jiennalle Rodrigues Barbosa e Milena Gemir Teixeira. Ainda no que tange à sua obra poética, destacamos também a tradução de Tania Mara Antonietti Lopes do importante estudo, mencionado acima, em que Isabelle Fevre compara o trabalho de Stephenson a de um escavador que intenciona reconstituir a memória de seu povo a partir da escravização.

Nos trabalhos que colocam o teatro no centro de suas análises, temos os artigos “O teatro engajado de Élie Stephenson em *Placers ou l’Opéra de l’or*”, de Beatriz D’Angelo Braz, e “Élie Stephenson: por um teatro de

situações guianense”, de Rodrigo Ielpo. Além desses estudos que examinam as estratégias dramatúrgicas e sua contribuição cultural e política no cenário guianense, o número reúne estudos importantes de Biringanine Ndagano e Marguerite Fauquenory. Assim, encontramos “Teatro bilíngue de Élie Stephenson – palavras iniciais sobre *La Nouvelle légende de D’Chimbo* (1996) e *Massak* (1996)” e “O Mayouri d’Élie Stephenson: uma introdução literária e linguística”, traduzidos por Dennys Silva-Reis e Marcos Bagno.

No que concerne aos estudos sobre a narrativa de Stephenson, contamos ainda com os artigos: “Élie Stephenson, a arte ‘révèyé’ de contar e cantar”, de François Weigel, “*Mouché Krik* – Contes guyanais non traditionnels: relações entre literatura e meio-ambiente”, de Rosária Costa Ribeiro, e “Élie Stephenson: um escritor mundo-ilha”, de Josilene Pinheiro-Mariz. Neles, os autores procuram desenvolver, de modo ensaístico, análises sobre as estruturas formais das narrativas, mas também apontar características que evidenciam o quanto a concepção literária do escritor guianense está arraigada a um projeto de arte e vida.

Sendo assim, vale dizer que os estudos compilados neste dossiê fazem parte de um projeto que se iniciou em 2021: *o Colóquio de Literaturas e Estudos Francófonos - CLEF*. Como o nome explica, trata-se de um evento que pretende colocar no centro do debate as literaturas produzidas em língua francesa, sobretudo, nos países e regiões da América onde o francês é língua oficial e se manifesta na produção literária. Em junho de 2022, ocorreu a segunda edição do CLEF em homenagem a Élie Stephenson. Nosso intuito como organizadores do evento foi parecido com o que temos agora com a organização deste número da Revista REVEC, ou seja, o de trazer para os holofotes acadêmicos a obra do escritor guianense.

Se, por um lado, o desejo era divulgar a riqueza literária da obra de Stéphane, apontando para os estudos sobre a diáspora colonial no Brasil, por outro, sabíamos que era preciso enfrentar a dificuldade de encontrar pesquisadores brasileiros especialistas em sua obra. A

ideia, então, foi a de reunir um grupo disposto a aceitar o desafio de estudar algumas de suas obras e expor seus trabalhos como uma pesquisa em fase inicial. Assim, entre os meses de junho e julho do mesmo ano, realizamos um evento no qual tivemos a oportunidade de reunir especialistas estrangeiros como Birganine Ndagano e pesquisadores brasileiros com um trabalho já desenvolvido na área de literaturas em língua francesa de autores e autoras antilhanos e guianenses. Na ocasião, a presença do próprio autor e de sua generosa esposa, Nora Stephenson, a quem agradecemos toda gentileza e apoio, foi essencial para que pudéssemos trazer à luz um trabalho que esperamos contribuir para os estudos literários em língua francesa da América Latina.

Entendemos, então, que esse número é um investimento no futuro dos estudos literários Guianenses e na formação de uma crítica literária voltada para obras de autores e autoras latino-americanos. Desse modo, agradecemos a todas as pessoas que participaram desse trabalho coletivo e, especialmente, à Revista de Estudos de Cultura (REVEC), que acreditou nesta proposta de publicação e nos acolheu em seu projeto editorial.

Danielle Grace  
Dennys Silva-Reis  
Rosária Costa Ribeiro

## ÉLIE STEPHENSON ET SES ECRITS DE GUYANITES – PAROLES PRECEDENTES

Une présentation d'Élie Stéphenson pourrait suivre le scénario suivant : poète, dramaturge, conteur et romancier d'importance sur la scène littéraire et politique guyanaise. On pourrait aussi aller dans l'autre sens : artiste et militant politique guyanais, héritier d'une tradition intellectuelle qui imprègne à la fois le mouvement culturel et artistique de la Négritude et la lutte contre la dégradation de l'environnement en vogue depuis la colonisation des Amériques. Ou encore : musicien engagé dans la mémoire et la défense de la tradition artistique et culturelle guyanaise, auteur d'œuvres d'une grande pertinence pour la construction d'une notion identitaire liée au territoire amazonien et à la diaspora coloniale.

Les nombreuses possibilités de présentation de cet auteur nous permettent de le déclarer, sans aucun doute, l'un des personnages les plus marquants de la Guyane Française actuelle. Tel un archéologue, pour reprendre le terme employé par l'auteur et retenu par Isabelle Favre, dans l'article « Élie Stéphenson : paroles de feu pour un 'pays' appelé Guyane », traduit ici par Tania Mara Antonietti Lopes, l'écrivain passe en revue l'histoire de son peuple et de la Guyane elle-même comme quelque chose à dévoiler, à protéger et à vénérer. Une terre faite de forêt et de douleur, qui mérite d'être conquise pour et par ses compatriotes.

Né à Cayenne, en 1944, Stéphenson étudie l'économie à l'université de Paris, soutenant une thèse qui analyse l'évolution de l'économie guyanaise entre 1946 et 1972. Dans les années 1970, il rentre à Cayenne, la ville où il vit et produit son art jusqu'aujourd'hui. Parallèlement à son travail artistique, il construit une carrière d'enseignant au Lycée Félix Éboué et à l'Université des Antilles et de la Guyane. Tout au long de sa carrière, il a acquis une reconnaissance dans la scène artistique guyanaise au point d'être considéré par certains

comme le successeur de Léon-Gontran Damas. En 1986, il reçoit un Oscar et une médaille de bronze pour son travail théâtral. Plus récemment, en 2014, il a été honoré par l'université où il a enseigné. En 2020, il a remporté le prix Carbet pour l'ensemble de son œuvre.

La littérature de Stéphenson est, comme l'atteste sa propre biographie, tournée vers l'intérieur, vers le siens, vers les problèmes intrinsèques du passé de domination et les enjeux actuels de son « pays ». En même temps – voilà un paradoxe intéressant –, lorsqu'il s'agit des thèmes spécifiquement guyanais, son travail s'ouvre sur le monde. L'écrivain-archéologue choisit les choses belles et terribles qu'il trouve dans ses fouilles pour raconter ce qui n'a jamais été dit, pour mettre au jour, avec force et délicatesse, les ossements sédimentés dans le sol de sa patrie. Ses découvertes apportent des indices significatifs sur la violence fondatrice des Amériques et sa permanence néfaste dans les politiques et dans l'imaginaire collectif des hommes et des femmes latino-américains.

Malgré une littérature vaste et diversifiée, Stéphenson est peu connu au Brésil. Son nom circule rarement parmi les lecteurs et critiques brésiliens et latino-américains. Les raisons pour lesquelles cela se produit ne sont pas si difficiles à présumer, surtout si l'on regarde à travers les signes de l'exclusion économique et culturelle. Les pays et les régions du Sud Global sont encore assez isolés aujourd'hui. Pas seulement au sens économique et politique, mais aussi dans les contacts et les échanges entre eux, car bien que géographiquement proches et participants à une même histoire coloniale, ils se (re) connaissent peu et se voient souvent comme des peuples culturellement éloignés.

Ainsi, les articles, critiques et traductions que nous avons réunis dans ce numéro ont pour but d'apporter au public brésilien un peu de la diversité littéraire produite par Stéphenson. Il représente un petit échantillon de la façon dont l'auteur relie ses productions littéraires à une vie consacrée à parler des grands problèmes contemporains qui n'impliquent que les êtres humains, mais aussi toutes les formes de vie sur terre. Le lecteur curieux ou le chercheur intéressé, en parcourant les tex-

tes de ce numéro, se rendra compte qu'il marche sur un terrain à exploiter ; plein de traces et d'indices qui indiquent qu'il reste encore un long chemin à parcourir dans ce domaine pour les études littéraires.

En tant que poète, l'auteur présente un travail constant qui débute dans les années 1970, dont on peut souligner des recueils tels que : *Une flèche pour le pays à l'encan* (1975), *Catacombes de soleil* (1979), *Terres mêlées* (1984), *Comme des gouttes de sang* (1988), *La conscience du feu* (1996), *Les Rituels du vent* (2013). Stéphenson apporte à son œuvre poétique la verve critique du poète engagé contre le colonialisme et l'assimilationnisme. Sa poésie s'éloigne d'un certain didactisme qu'il est possible d'identifier dans son œuvre théâtrale, mais continue d'investir dans une virulence exhortatoire. L'auteur allie la subtilité des vers musicaux à la révolte exprimée dans l'écriture de dénonciation pour le fondement de son propre projet esthétique. Même certains de ses poèmes ont été mis en musique et d'autres sont nés sous forme de chanson, comme en témoignent ses deux albums musicaux *Nég Marron* (1975) et *Kololo* (2022).

Le théâtre d'Elie Stéphenson, ainsi que son œuvre poétique et narrative, est empreint de révisionnisme historique et d'activisme politique. Des œuvres d'abord écrites en créole et destinées au public guyanais sont peu à peu transmises et conçues en langue française. Au départ, les pièces n'étaient que des textes éphémères pour des représentations locales des situations guyanaises. L'auteur n'entendait pas le texte théâtral comme un texte littéraire. Cependant, avec la publication d'une partie de son œuvre dramatique, de nombreux chercheurs et metteurs en scène ont eu accès à ces textes ; en pouvant désormais profiter de leurs intrigues et imaginer de futures représentations. Une autre partie du théâtre de Stéphenson est encore méconnue et en manuscrit : le théâtre de jeunesse et d'enfants. Sa dramaturgie met en scène une histoire de la vie guyanaise de manière singulière et identitaire, montrant des facettes de la France coloniale, impérialiste et républicaine. Ce sont des scènes et des actes qui rappellent et interrogent l'appartenance guyanaise, le Guyanais dans toutes ses sphères socio-politico-culturelles.

Bien que son œuvre narrative ne soit pas aussi vaste que son œuvre poétique et dramatique, Élie Stéphenson a produit un roman, *Où se trouvent les orangers ?* (2000), qui reprend la tradition du conte révéyé où deux ou trois voix construisent un dialogue, ce qui s'approche de son théâtre ; et le livre de nouvelles destinées aux enfants et aux jeunes, *Mouché-Krik - contes guyanais non traditionnels* (2013), très représentatifs de sa poétique. Dans ces travaux, certains aspects importants ressortent, tels que la reprise et la valorisation du conteur, la diglossie langue française-langue créole guyanaise, un ton de dénonciation, soit des misères coloniales, soit de la destruction de l'environnement, la recherche pour une identité collective. Tous ces aspects composent une œuvre qui cherche avant tout à représenter la guyanité et à la construire en même temps. Il existe aussi des contes pour adultes, notamment *Oh ! Maati et Brazeiro* (2014).

Dans les articles « Le 'problème guyanais' de l'émancipation culturelle et politique dans le premier recueil poétique d'Élie Stéphenson », de Daniel Padilha Pacheco da Costa, et « Entre intimité et engagement : le lyrisme du nous dans *Les Rituels du Vent*, d'Élie Stéphenson », de Danielle Grace, quelques-uns de principaux thèmes qui concernent son écriture poétique et le rapport qu'elle établit avec la vie quotidienne sont passés au crible à partir d'une analyse des influences poétiques et politiques de l'auteur. Il y a aussi un compte-rendu du livre de poèmes de Stéphenson, *Catacumbas de sol*, publié au Brésil en 2022 par Editora Lexikos et traduit par Dennys Silva-Reis. Cela a été réalisé par les chercheurs Josilene Pinheiro-Mariz, Maria Jiennalle Rodrigues Barbosa et Milena Gemir Teixeira. Toujours en ce qui concerne son œuvre poétique, signalons également la traduction réalisée par Tania Mara Antonietti Lopes de l'importante étude, déjà évoquée, dans laquelle Isabelle Fevre compare l'œuvre de Stéphenson à celle d'un creuseur qui entend reconstituer la mémoire de son peuple à partir du point de vue de l'esclavage.

Parmi les textes qui placent le théâtre au centre de leurs analyses, on trouve les articles « Le théâtre engagé d'Élie Stéphenson dans *Placers* ou *l'Opéra de l'or* », de

Beatriz D'Angelo Braz, et « Élie Stéphenson : pour un théâtre des situations guyanaises », par Rodrigo Ielpo. Outre ces études qui interrogent les stratégies dramaturgiques et leur apport culturel et politique au scénario guyanais, le numéro rassemble d'importantes études de Biringanine Ndagano et Marguerite Fauquenory. Ainsi, on retrouve « Le théâtre bilingue d'Élie Stéphenson – mots d'ouverture sur *La Nouvelle légende de D'Chimbo* (1996) et *Massak* (1996) » et « *Le Mayouri* d'Élie Stéphenson : une introduction littéraire et linguistique », traduit par Dennys Silva-Reis et Marcos Bagno.

En ce qui concerne les études sur les narratives de Stéphenson, nous avons aussi les articles : « Élie Stéphenson, l'art 'révéyé' de raconter et de chanter », par François Weigel, « *Mouché Krik - Contes guyanais non traditionnels* : relations entre littérature et l'environnement », de Rosária Costa Ribeiro, et « Élie Stéphenson : un écrivain du monde insulaire », de Josilene Pinheiro-Mariz. Les auteurs y tentent de développer, de manière essayistique, des analyses sur les structures formelles des récits, mais aussi pointent des traits qui montrent combien la conception littéraire de l'écrivain guyanais s'enracine dans un projet d'art et de vie.

Par conséquent, il convient de mentionner que les études compilées dans ce dossier font partie d'un projet qui a débuté en 2021 : *le Colloque de Littératures et Études Francophones - CLEF*. Comme son nom l'indique, il s'agit d'un événement qui vise à placer la littérature produite en français au centre du débat, en particulier dans les pays et régions d'Amérique où le français est la langue officielle et se manifeste dans la production littéraire. En juin 2022, la deuxième édition du CLEF a eu lieu en l'honneur d'Élie Stéphenson. Notre intention en tant qu'organisateur de l'événement était similaire à ce que nous avons maintenant avec l'organisation de ce numéro de la revue REVEC, c'est-à-dire de mettre l'œuvre de l'écrivain guyanais sur le devant de la scène académique.

Si, d'une part, la volonté était de faire connaître la richesse littéraire de l'œuvre de Stéphenson, pointant vers des études sur la diaspora coloniale au Brésil, d'au-

tre part, on savait qu'il fallait faire face à la difficulté de trouver des chercheurs brésiliens spécialisés dans son travail. L'idée était alors de réunir un groupe prêt à accepter le défi d'étudier certaines de ses œuvres et d'exposer son travail comme une recherche dans sa phase initiale. Ainsi, entre les mois de juin et juillet de la même année, nous avons organisé une manifestation au cours de laquelle nous avons eu l'occasion de réunir des spécialistes étrangers comme Biriganine Ndagano et des chercheurs brésiliens aux travaux déjà développés dans le domaine de la littérature de langue française par auteurs Antillais et Guyanais. A l'occasion, la présence de l'auteur lui-même et de sa généreuse épouse, Nora Stéphenson, que nous remercions pour toute leur gentillesse et leur soutien, nous a été indispensable pour pouvoir mettre en lumière une œuvre qui, nous l'espérons, contribuera aux études littéraires en la langue française en Amérique Latine.

On comprend alors que ce numéro est un investissement dans l'avenir des études littéraires guyanaises et dans la formation d'une critique littéraire centrée sur les œuvres d'auteurs Latino-américains. Ainsi, nous remercions toutes les personnes qui ont participé à ce travail collectif et, en particulier, à la Revista de Estudos de Cultura (REVEC), qui a cru en cette proposition de publication et nous a accueillis dans son projet éditorial.